

FRANCISCO E A FORMAÇÃO LITÚRGICA DO POVO DE DEUS FRANCIS AND THE LITURGICAL FORMATION OF THE PEOPLE OF GOD

Dom Armando Buccioli*

No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar (EG 24).

Recebido em: 29/09/2023

Aprovado em: 15/10/2023

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.895

Resumo: Francisco tem enfatizado a importância da formação litúrgica para o povo de Deus. Fundamentado no Vaticano II e em documentos papais, o artigo destaca a necessidade de uma compreensão profunda da liturgia, não apenas como um conjunto de ritos, mas como uma expressão viva da fé, capaz de transformar a vida das pessoas. O Papa incentiva a participação ativa e consciente dos fiéis na liturgia, promovendo sua compreensão e valorização.

Palavras-chave: Francisco, formação litúrgica, Povo de Deus.

Abstract: Francis has emphasized the importance of liturgical formation for the people of God. Based on Vatican II and papal documents, the article highlights the need for a profound understanding of the liturgy, not just as a set of rites, but as a living expression of faith, capable of transforming people's lives. The Pope encourages the active and conscious participation of the faithful in the liturgy, promoting its understanding and appreciation.

Keywords: Francis, liturgical formation, People of God.

Introdução

Desde que apareceu da janela na parça de São Pedro, naquele 13 de março de 2013, o Papa Francisco se apresentou ao mundo, antes de tudo, como *Pastor* na e da Igreja. Gestos e palavras, logo, revelaram sua sensibilidade eminentemente pastoral. Numa retrospectiva do decênio do seu pontificado, aparece evidente que o cerne do seu ministério é de anunciar Jesus Cristo às mulheres e aos homens nessa *nova época* da história. Por isso, também a Liturgia deve ter a finalidade de evangelizar: “uma Celebração que não evangeliza não é autêntica, tampouco um anúncio que não leva ao encontro com o Ressuscitado na Celebração: ambos, portanto, se carentes do

* Bispo emérito de Livramento de Nossa Senhora – BA.

testemunho da caridade, são como *um bronze que soa ou um címbalo que retine* (1Cor 13,1)” (DD, 37). De fato, a Liturgia acompanha toda a vida eclesial, numa Igreja *sacramento de Cristo*, isto é, sinal e instrumento de comunhão, com Deus e dos seres humanos, todos (cf. *Lumen Gentium* 1). A Igreja se alimenta da Palavra do Senhor, como recordou a Constituição dogmática conciliar *Dei Verbum*, para ser *serva* da humanidade, assumindo *alegria e esperança, dores e lutas* dos homens e mulheres de hoje, como ensinou a Constituição *Gaudium et Spes*. A Liturgia, “voz da Esposa que canta ao seu Esposo” (cf. SC 84), entra nessa sinfonia de amor, e “contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja” (SC 2).

Francisco, o primeiro Papa “filho do Concílio e da renovação conciliar que dele teve início”, (REPOLE, 2018) assumiu os ensinamentos conciliares como referenciais do seu pastoreio. Ele mesmo o reconheceu, no encontro com os participantes de 60ª Semana de Pastoral Litúrgica da Itália, quando disse:

E hoje ainda é preciso trabalhar..., em particular redescobrimo os motivos das decisões tomadas com a reforma litúrgica, superando leituras infundadas e superficiais, recepções parciais e práticas que a desfiguram. Não se trata de reconsiderar a reforma revendo as suas escolhas, mas de conhecer melhor as razões subjacentes, inclusive através da documentação histórica, assim como de interiorizar os seus princípios inspiradores e de observar a disciplina que a regula. Depois deste magistério e, após este longo caminho podemos afirmar com certeza e com autoridade magistral que a reforma litúrgica é irreversível (FRANCISCO, 2017).¹

Nos quase seis decênios do encerramento do Concílio, a humanidade passou por enormes mudanças nos diferentes setores da vida social, econômica, cultural, ética,

¹ Visitando a Paróquia romana de *Todos os Santos* – em comemoração dos cinquenta anos em que o Papa Paulo VI, “inaugurou em um certo sentido a reforma litúrgica com a celebração da Missa na língua falada pelo povo” – o Papa Francisco disse: “A Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC, n. 14) define a liturgia como ‘a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis poderão beber o espírito verdadeiramente cristão’. Isso significa corroborar o vínculo essencial que une a vida do discípulo de Jesus e o culto litúrgico. Não se trata, antes de tudo, de uma doutrina que deve ser entendida, nem de um rito a cumprir; sem dúvida, é também isto, mas de outra maneira, de um modo essencialmente diverso: é um manancial de vida e de luz para o nosso caminho de fé. Por conseguinte, a Igreja chama-nos a levar e a promover uma vida litúrgica autêntica, a fim de que possa existir sintonia entre o que a liturgia celebra e o que nós vivemos na nossa existência. Trata-se de manifestar na nossa vida o que recebemos mediante a fé e aquilo que aqui celebramos (SC, n. 10).

religiosa. Em nosso Continente, as quatro Conferências - Medellín, Puebla, Santo Domingo e, sobretudo, Aparecida (2007) - acompanharam essa evolução. Nós filhos gerados ou adotivos dessa terra latino-americana, membros, com diferentes ministérios nas Igrejas Particulares, possamos compreender, respirar e viver a eclesiologia que inspira o Papa Francisco e que se manifesta nas celebrações litúrgicas. Ele observa:

Se a Liturgia é o “cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força” (SC 10), compreendemos bem o que está em jogo na questão litúrgica. Seria banal ler as tensões infelizmente presentes em torno da Celebração, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades sobre uma forma ritual. A problemática é, antes de tudo, eclesiológica. Não vejo como se possa dizer que se reconhece a validade do Concílio – mesmo que me surpreenda que um católico possa presumir não o fazer – e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*, que expressa a realidade da Liturgia em conexão íntima com a visão da Igreja descrita admiravelmente na *Lumen gentium*. (DD, 31).

1. Francisco: propostas de formação litúrgica do povo de Deus

“A formação do Povo de Deus é um dever fundamental para viver uma vida litúrgica plenamente eclesial” (FRANCISCO, 2022).

Com seu estilo intensamente pastoral, o Papa Francisco levou adiante um projeto de reforma que não se esgota em bonitas afirmações teológicas. Todo o seu ministério aponta para uma Igreja fiel ao Evangelho, com o objetivo de infundir o desejo e empenho que: “A alegria do Evangelho encha o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus Cristo” (EG 1). E qual encontro com Jesus é mais íntimo e intenso, verdadeiro e transformador do que aquele que acontece nas celebrações litúrgicas, sobretudo na Eucaristia? Sucessor do apóstolo Pedro, que recebeu de Jesus a missão de *confirmar na fé os irmãos* (Lc 22,22), Francisco continua, desse modo, cumprindo a sua missão.

O assunto proposto: *Formação litúrgica do Povo de Deus* encontra seu ápice no último documento papal, a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (29 de junho de 2022). Antes, porém, vários documentos marcaram ideias e ideais litúrgicos do Papa.

a) Começamos com o *Motu Proprio Magnum principium* (03/09/2017, entrando em vigor no dia 1 de outubro seguinte), com o qual é modificado o Cânon 838

do Código de Direito Canônico. Refere-se à competência da Sé Apostólica no tocante à tradução dos livros litúrgicos. Importante escolha do Vaticano II - uma das mais debatidas no evento conciliar - foi a introdução das línguas vernáculas nas celebrações litúrgicas.² Traduzir é obra complexa e complicada, e sempre imperfeita.³ Cientes dessas dificuldades, o *Motu Proprio* simplifica a *recognitio* dos textos litúrgicos, por parte da Santa Sé, dá maior responsabilidade e autonomia às Conferências episcopais, limitando que o dicastério do Culto divino e disciplina dos Sacramentos faça só a *confirmatio*, exceto pelos textos mais ligados às fórmulas sacramentais.⁴

b) *Carta Apostólica Aperuit illis* [ApI] (30 de setembro de 2019), com o qual se institui o Domingo da Palavra de Deus. A proposta nasceu na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2016), com a finalidade de “compreender a riqueza inesgotável que provém do diálogo constante de Deus com o seu povo” (*Misericórdia et Misera* 7). O Papa recorda o Vaticano II que “deu um grande impulso à redescoberta da Palavra de Deus, com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*”. No espírito do Concílio, pelo incentivo do Sínodo sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, com a sucessiva Exortação Apostólica *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI, Francisco estabelece que “O Terceiro Domingo do Tempo Comum seja dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus” (ApI 3); essa proposta tem uma clara finalidade *educativa do Povo de Deus*.

Na Carta Apostólica, dão-se oportunas orientações litúrgicas para “viver este Domingo como um dia solene”.⁵ A respeito da *homilia*, Francisco reafirma o que longamente tinha exposto em EG 135-155. Essa intervenção, com seu “caráter quase

² Teve opositores no Concílio e nos anos sucessivos; ainda têm pessoas saudosas do uso da língua latina na Liturgia.

³ Observa o documento: “As próprias línguas vernáculas, muitas vezes somente de maneira progressiva poderiam se tornar línguas litúrgicas, resplandescentes, não diversamente, do latim litúrgico pela elegância do estilo e a seriedade dos conceitos com a finalidade de alimentar a fé”.

⁴ Por isso, o Papa dispôs que se modifique o cân. 838 do CDC: “Compete às Conferências Episcopais preparar fielmente as versões dos livros litúrgicos nas línguas vernáculas, adaptadas convenientemente dentro dos limites definidos, aprová-las e publicar os livros litúrgicos, para as regiões de sua pertinência, depois da confirmação da Sé Apostólica” (cân. 838, § 3).

⁵ Sugere-se, por exemplo, de “entronizar o texto sagrado, de modo a tornar evidente aos olhos da assembleia o valor normativo que possui a Palavra de Deus”; propõe-se que se aproveite esse domingo para “celebrar o rito do leitorado ou confiar um ministério semelhante”; “os párocos poderão encontrar formas de entregar a Bíblia, ou um dos seus livros a toda a assembleia”. Desse modo, a Palavra vai adquirindo seu valor na vida cotidiana dos fiéis e poderá continuar com “o aprofundamento e a oração com a Sagrada Escritura, com particular referência à *Lectio divina*” (ApI, 3).

sacramental”, deve “introduzir profundamente na Palavra de Deus, com uma linguagem simples e adaptada a quem escuta”; “não se pode improvisar”, mas saber “falar com o coração para chegar ao coração” (ApI 5). Essa recomendação do Papa possa ser acolhida por todos que exercem esse ministério, e ganhará a formação do Povo de Deus.⁶

c) Motu Proprio *Spiritus Domini*, modifica o can. 230 &1, acerca do acesso das mulheres aos ministérios do leitorado e acolitado (11/01/2021). Escrito muito curto, mas com significativa consequência pastoral e teológica em benefício do Povo de Deus, sua formação e vivência eclesial. O Papa destaca o “sacerdócio batismal” que nos une a todos na Igreja. Escreve: “Uma prática consolidada na Igreja latina também confirmou que tais ministérios laicais, sendo fundamentados no Sacramento do Batismo, podem ser confiados a todos os fiéis idôneos, de sexo masculino ou feminino”. Esse reconhecimento já pertence à praxe pastoral de nossas Igrejas particulares, onde é marcante a presença feminina no culto e no anúncio da Palavra. Um destaque: as pessoas sejam bem preparadas para que esse ministério seja exercido com competência, verdadeira espiritualidade e estilo eclesial.

d) Motu Proprio *Antiquum ministerium* (AnMi): institui o ministério laical do Catequista (10/05/2021). Em nossa Igreja, atuam numerosas catequistas, e um número reduzido de homens, ministros ordenados também. Francisco fundamenta sua decisão no Vaticano II: nele, “a Igreja compreendeu, com renovada consciência, a importância do compromisso do laicado na obra de evangelização”; em virtude do seu Batismo, (leigos e leigas) chamados a colaborar no serviço da catequese” (AnMi 4). A missão é grande, urgente, exigente, desafiadora (cf. AnMi 5). Por isso, devemos “despertar o entusiasmo pessoal de cada batizado e reavivar a consciência de ser chamado a desempenhar a sua missão na comunidade requer a escuta da voz do Espírito” (AnMi 5). Nas propostas, o Papa nunca desliga a celebração litúrgica da fundamentação teológica e das consequências pastorais, sempre cobrando uma sólida e permanente *formação do Povo de Deus*.

⁶ Foi observado que o Papa Francisco ensina com “uma evidente mudança de linguagem magisterial... que mira a envolver o interlocutor, que traça todos os modos possíveis para se colocar no seu nível, que busca metáforas existencialmente relevantes, Francisco mostra, de fato, que também a linguagem magisterial pode e deve ser normalmente uma linguagem pastoral, enquanto é finalizada à evangelização”. (REPOLE, 2018, p. 68).

e) *Motu Proprio Traditionis custodes* sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma de 1970 (16/7/2021).⁷ Na *formação do Povo de Deus*, entra também esse documento com o qual Francisco, tendo consultado os Bispos, estabelece mudanças referentes à aplicação de *Sumorum Pontificum*. Mais uma vez, com determinação, Francisco reafirma fidelidade ao Concílio. Junto com o *Motu próprio*, o Papa enviou aos Bispos uma *Carta* explicando os motivos dessa escolha.⁸ “Infelizmente, observa Francisco, a intenção dos meus predecessores (...) foi gravemente e de frequente descumprida”, e essa “possibilidade (...) usada para aumentar as distâncias, endurecer as diferenças, construir contraposições que ferem a Igreja e freiam o seu caminho, expondo o risco de divisões”. O Papa acrescenta - “com dor” - que houve “um uso instrumental do Missal Romano de 1962, sempre mais caracterizado por uma recusa crescente não só da reforma litúrgica, mas do Concílio Vaticano II, com a afirmação infundada que teria traído a Tradição e a *verdadeira Igreja*”.⁹ E reage: a escolha do rito pré-conciliar expressa a “recusa da Igreja e de suas instituições” em nome daquela que seus fautores julgam “a *verdadeira Igreja*”. Esse comportamento “contradiz a comunhão, alimentando a incitação à divisão”. Francisco conclui: “É para defender a unidade do Corpo de Cristo que me sinto obrigado a revogar a faculdade concedida pelos meus Predecessores”, como também “as normas, as instruções, as concessões precedentes ao presente *Motu próprio*”.¹⁰

Nas orientações práticas, Francisco decide categoricamente que os livros litúrgicos promulgados pelos Papas São Paulo VI e São João Paulo II serão a única

⁷ O título escolhido já define o sentido e a razão do que o Papa pretende definir para ser observado pela Igreja católica. Chama em causa os Bispos como *Traditionis Custodes*, isto é, *guardiões da tradição*, chamados também - com referência a *Lumen Gentium* (23 e 27) - de *princípio visível e fundamento da unidade em suas igrejas particulares*, que eles governam, *sob a moção do Espírito Santo e por meio da celebração da Eucaristia*.

⁸ Nela, recorda que, em 1988, o Papa São João Paulo II emanou o *Motu próprio Ecclesia Dei*, na esperança de favorecer “a recomposição do *cisma* com o movimento guiado por monsenhor Lefebvre”. Francisco acrescenta que foi por uma *razão eclesial: recompor a unidade da Igreja*. Em 2007, o Papa Bento XVI publicou o *Motu próprio Summorum Pontificum*, com o objetivo de introduzir um “regulamento jurídico mais claro”. Com essas orientações, o Papa tinha a convicção de que essa escolha não colocaria em dúvida o Concílio nem a reforma litúrgica conciliar. Permitia-se a possibilidade de orar com uma modalidade que, todavia, não evidenciava nem exigia o *caráter vinculante* do Vaticano II.

⁹ Isso é muito grave! Significa duvidar do discernimento conciliar do episcopado e do mesmo Espírito Santo que guia a Igreja.

¹⁰ Ainda na *Introdução*, encontramos a motivação: dar essas instruções e orientações pastorais *para promover a concórdia e a unidade da Igreja!* O Papa reconhece que essa foi também a motivação e a esperança dos seus predecessores; queriam “facilitar a comunhão eclesial àqueles católicos que se sentem ligados a algumas precedentes formas litúrgicas”.

expressão reconhecida da *lex orandi* do Rito Romano. É um corte firme que o Bispo de Roma, com sua autoridade eclesial, faz para evitar equívocos na e pela liturgia.¹¹

2. A formação do Povo de Deus na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*

Quero dar especial atenção à Carta Apostólica do Papa Francisco *Desiderio Desideravi* (publicada no dia 29 de junho de 2022). Nela, a dimensão da *formação litúrgica* encontra especial atenção. Podemos compreender o que Papa Francisco propõe à Igreja a respeito de Liturgia. Desde o título, *Desiderio desideravi (hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar; Lc 22,15)*, somos introduzidos no clima litúrgico da última Ceia de Jesus. A apresentação do documento nos informa que esse escrito acolhe “as *proposições* advindas da sessão plenária da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (12 a 15 de fevereiro de 2019)”.

Desiderio Desideravi. Diz Francisco, não é um *diretório*, mas “um texto de meditação, com um vívido caráter bíblico, patrístico e litúrgico que oferece muitas motivações para compreender a beleza da verdade da Celebração Litúrgica”. Para isso, oferecem-se muitas indicações “*sobre a necessidade de uma formação litúrgica séria e vital*”. Encontramos uma renovada advertência a respeito das “armadilhas do individualismo e do subjetivismo” e “do espiritualismo abstrato”. Recomenda-se a urgência de adquirir a capacidade da “compreensão simbólica”. Enfim, destaca-se a necessidade de que “abandonemos as controvérsias para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, guardemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da Liturgia” (DD, 65).

Retomo algumas expressões papais, muito oportunas, sobretudo em nossos dias em que, nas redes sociais, aparecem, com altivez espantosa, tantos “mestres e doutores”, cultores do “podes – não-podes”. Assim, gera-se insegurança, se impõem normas sem fundamento, apontam-se comportamentos litúrgicos que não favorecem serenidade,

¹¹ O Bispo diocesano somente pode autorizar o uso do Missal de 1962 seguindo as orientações da Santa Sé. Onde tem grupos ligados ao Missal precedente, o Bispo deve observar a comunhão com a reforma litúrgica; os padres de nova ordenação devem ser autorizados a celebrar com o Missal anterior de 1970, e os padres que já celebram devem pedir novamente a faculdade; os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, erigidas a seu tempo pela Comissão Pontifícia Ecclesia Dei, passam a submeter-se à competência da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e às Sociedades de Vida Apostólica.

alegria e festa. A celebração eucarística é – deve ser - acima de tudo, festa, louvor, agradecimento, encontro com Ele “na comunidade que celebra” (DD, 8).

O Papa pede aos Pastores e mestres, acima de tudo, que, com metodologia adequada, transmitam uma sólida e fundamentada formação, para favorecer melhor compreensão do que significa Liturgia, suas celebrações e vivência. Com bonita simplicidade, ensina o que comporta e como se expressa a “potente beleza da Liturgia” (DD, 10), que nos “garante a possibilidade de um verdadeiro encontro” (DD, 10) com o Ressuscitado. Para isso, “nós precisamos estar presentes naquela Ceia, a fim de poder escutar a sua voz, comer do seu Corpo e beber do seu Sangue: nós precisamos d’Ele. Na Eucaristia e em todos os Sacramentos, é garantida a nós a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de ser alcançados pelo poder da sua Páscoa” (DD, 11).

Com essenciais pensamentos, é descrito o *sentido teológico da Liturgia* (DD, 16) para que aconteça a participação litúrgica *consciente, ativa, frutuosa* (cf. SC, 11 e 14), “primeira e indispensável fonte da qual os fiéis poderão beber o espírito verdadeiramente cristão (SC, 14)”: é a maior instância conciliar! Acrescenta o Papa: “Gostaria que a beleza da Celebração cristã e suas necessárias consequências na vida da Igreja não fossem deturpadas por uma compreensão superficial e redutiva do seu valor ou, pior ainda, por uma instrumentalização a serviço de alguma visão ideológica, seja qual for” (DD, 16).

Retorna uma palavra já presente em *Evangelii Gaudium* (93-97): o *mundanismo espiritual* que “manifesta-se em muitas atitudes aparentemente opostas, mas com a pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’. Em alguns, há um cuidado exibicionista da Liturgia” (EG 95). A Liturgia, ensina Francisco, “nos liberta da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela própria razão ou sentimento”. É importante entender que a Celebração litúrgica não é propriedade particular de alguém; ela é da Igreja! Nela, com diferentes e complementares ministérios, todos somos servidores/as de Cristo e da Comunidade eclesial reunida no nome do Senhor, para viver com Ele um encontro sacramental. Nessa busca, insiste o documento, “a contínua redescoberta da beleza da liturgia não é a busca por um esteticismo ritual, que se satisfaz somente no cuidado com a formalidade exterior”; com isso, sem confundir “simplicidade com

banalidade desleixada, ou essencialidade com superficialismo ignorante, ou ainda, a concretude da ação ritual com um exasperado funcionalismo prático” (DD, 22).

Uma palavra merece atenção, porque abre horizontes no sentido do que significa *formação* litúrgica. É o termo “*estupor* diante do Mistério pascal que se faz presente na realidade dos sinais sacramentais”; se isso faltar, “correríamos o risco de ser impenetráveis ao oceano da graça que inunda cada Celebração” (DD, 24). Para evitar equívocos, Francisco explica o sentido da palavra: “*estupor* não é uma espécie de desorientação diante de uma realidade obscura ou de um rito enigmático, mas é, pelo contrário, admiração pelo fato de que o plano salvífico de Deus nos tenha sido revelado na Páscoa de Jesus (cf. Ef 1,3-14) cuja eficácia continua chegando até nós na celebração dos ‘Mistérios’(...) Se o estupor é verdadeiro, não há nenhum risco de não perceber a alteridade da presença de Deus” (DD, 25).

O Papa tem consciência de que as dificuldades que circulam na Igreja e que aparecem nas celebrações litúrgicas têm raízes na eclesiologia: “Não vejo como se pode dizer que se reconhece a vitalidade do Concílio (...) e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*, que expressa a realidade da Liturgia em conexão íntima com a visão da Igreja descrita admiravelmente na *Lumen Gentium*” (DD, 31). Uma pergunta faz o Papa, a si mesmo e a nós: “Como crescer na capacidade de viver a ação litúrgica em sua plenitude? Como continuar a nos surpreender com o que acontece diante dos nossos olhos na Celebração?” (DD, 31). Assim, introduz a fala sobre a urgência da formação litúrgica “séria e vital”, que favoreça compreensão adequada por parte dos fiéis. A esse respeito, Francisco recorda, mais de uma vez, Romano Guardini, grande mestre do século XX, que escrevia: “Sem formação litúrgica, ‘as reformas no rito e no texto não ajudam muito’” (34), e apontava “dois aspectos: a formação à Liturgia e a formação a partir da Liturgia. O primeiro está em função do segundo, que é essencial” (DD, 34. *Grifo do autor*).

Para compreender e viver da liturgia, exige-se que todos os membros do povo de Deus adquiram “conhecimento do mistério de Cristo (...), um real envolvimento existencial com a sua Pessoa. (...), conformação com Cristo (...), se tornar Ele” (DD, 41). Por isso, “indispensável” é a formação dos ministros ordenados”, que “devem conhecer o caminho, tanto por tê-lo estudado no mapa da ciência teológica quanto por

tê-lo frequentado na prática de uma experiência de fé viva, alimentada pela oração, certamente não só como um compromisso a ser cumprido” (DD, 36). O Papa insiste: os seminaristas, “além do estudo, devem (...) experimentar uma Celebração não somente exemplar do ponto de vista ritual, mas autêntica, vital, que permita viver a verdadeira comunhão com Deus, à qual deve tender também o saber teológico” (DD, 38).

Francisco fala de “envolvimento existencial” que acontece “por via sacramental”, segundo o estilo da Encarnação. De fato:

A liturgia é composta por elementos que são exatamente o oposto de abstrações espirituais: pão, vinho, óleo, água, perfume, fogo, cinzas, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncio, gestos, espaço, movimento, ação, ordem tempo, luz. (...). Toda a criação é assumida para ser colocada a serviço do encontro com o Verbo encarnado, crucificado, morto, ressuscitado e assunto ao Pai (DD, 42).

Interessante, no documento, a retomada dos ensinamentos do grande teólogo Romano Guardini¹² que, há cem anos, insistia para que a formação litúrgica eduque o ser humano a “ser capaz de símbolos”! Infelizmente, palavra do Papa, “o homem moderno se tornou analfabeto, não sabe mais ler os símbolos, somente desconfia de sua existência (...). Ter perdido a capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de cada criatura faz com que a linguagem simbólica da Liturgia seja quase inaccessível ao homem moderno” (DD, 44). No documento, os números de 39 a 47 desenvolvem essa questão, com a exigência da “educação necessária para poder adquirir a atitude interior que nos permite situar e compreender os símbolos litúrgicos” (DD, 47). Francisco acolhe as instâncias da reflexão teológica dos últimos anos – desde Hans Urs von Balthasar ao Pierangelo Squeri¹³ – sobre a *via pulchritudinis*: “uma verdade sem

¹² GUARDINI, Romano ensinava: “O que opera na ação litúrgica, que ora, oferece e age, não é a ‘alma’, não a interioridade, mas o ser humano. A alma, com certeza, entretanto só em quanto ela vivifica o corpo. A interioridade, sim, certo, porém só em quanto se manifesta no corpo”, in *Formazione litúrgica* (texto do ano 1923!), cit. in TOMASSINI, Loris Maria. *Nel segno della bellezza. Bellezza, liturgia e sensi spirituali*. Assis: Cittadella, p. 80. Romano

¹³ Ex. de von Balthasar: *Gloria. Una estetica teologica*. La percezione della forma. Milão: Jaka Book, 1985; de Squeri: *L'estro di Dio. Saggi di estetica*. Milão: Glossa, 2000.

fascínio não é percebida pelos homens; o belo é o esplendor da verdade do bem que faz acolher com amor, e, portanto, com liberdade, a verdade e o bem”.¹⁴

A (SC, 48), com palavras de grande respiro, afirma que a formação para *entender* o mistério eucarístico acontece *per ritus et preces*, isto é, por meio dos ritos e das orações, com uma compreensão não só, ou não principalmente, intelectual, mas vivendo-as “de dentro”. Somente desse modo acontece a verdadeira *participação litúrgica*. A partir da encarnação, envolvendo-nos com a totalidade do nosso ser ‘humanos’, seremos guiados, pelo divino Espírito a experimentar o *mistério* do amor divino que se deu a conhecer pelo corpo e sangue doados do Senhor. Nesse sentido, fala-se de *formação pela* liturgia.

Desiderio Desideravi insiste - números de 48 a 60 - para que se forme na *ars celebrandi*, *ars* que “não pode ser reduzido à mera observância de um aparato de rubricas e tampouco pode ser pensado como uma fantasiosa – e às vezes selvagem - criatividade sem regras” (DD, 48). “Como qualquer arte, requer diversos conhecimentos”, além da necessidade de “estar em sintonia com a ação do Espírito” (DD, 49). A respeito do estilo celebrativo, o Papa, citando Guardini, recomenda:

Devemos despertar o sentido da ‘grandeza’ de estilo da oração, a vontade de envolver a nossa existência nela. O caminho para esses objetivos, é a disciplina, a renúncia a um sentimentalismo ameno; um trabalho sério, realizado em obediência à Igreja (DD, 50). É uma atitude que todos os batizados são chamados a viver. (...) [São] gestos e palavras que pertencem à assembleia. (...) Fazer todos juntos o mesmo gesto, falar todos juntos com uma só voz, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia. É uma uniformidade que não só não mortifica, mas que, ao contrário, educa cada fiel na descoberta da autêntica unicidade de ser um só Corpo. (...) É uma ‘disciplina’ que se observada com autenticidade, nos forma: (...) uma ação que envolve o corpo em sua totalidade, isto é, em sua unidade de corpo e alma (DD, 51).

Esse é o estilo e o caminho da verdadeira *formação litúrgica*, como vimos, *per ritus et preces*. Entre os gestos “que pertencem a toda a assembleia, o *silêncio* “ocupa

¹⁴ TOMASSINI, op. cit., p. 44. Escreve o Autor: “A liturgia e a beleza são um binômio incindível (...) A liturgia é o lugar teológico por excelência do belo. (...) A beleza da liturgia se realiza na sua verdade; isto é, quando a expressão exterior é perfeitamente harmonizada com a sua realidade interior”; *ib.*, p. 55-56; “Enquanto os dogmas se dirigem à convicção da razão, a liturgia toca todos os sentidos e nisso está a sua grandeza”; *ib.*, p. 62.

um lugar de absoluta importância”, “símbolo da presença e da ação do Espírito Santo, (...) muitas vezes, constitui o ápice de uma sequência ritual (...) Por isso, somos chamados a realizar, com extremo cuidado, o gesto simbólico do silêncio: nele o Espírito nos forma” (DD, 52).

O Papa se dirige, antes de tudo, aos ministros ordenados, chamados a serem “presença particular do Ressuscitado” (DD, 56). Lembra que, “presidir a Eucaristia é mergulhar no calor do Amor de Deus” (DD, 57). Denuncia, também, modelos inadequados do celebrar: “rigidez austera ou criatividade exasperada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; ânsia apressada ou lentidão enfatizada; indolência desleixada ou refinamento excessivo; afabilidade superabundante ou impassividade hierática” (DD, 54). Esses vícios, observa Francisco, têm “uma raiz comum: um personalismo exasperado” que, “às vezes, expressa uma mania mal disfarçada de protagonismo” (DD, 54). Por isso, essa arte “requer do presbítero uma aplicação, isto é, uma assídua frequência ao fogo do amor que o Senhor veio trazer à terra” (DD, 57); ele, sob o olhar atento da Virgem Maria, que acompanha os primeiros passos da Igreja, (...) repete esses gestos em virtude do dom recebido com o Sacramento da Ordem, guardado no ventre da Virgem” (DD, 58). Cheio do Espírito Santo, preside a Assembleia Eucarística consciente de seus pecados, “com a forte humildade de um servo sofredor (cf. Is 42ss), com o desejo de ser alimento para as pessoas que lhe são confiadas no exercício diário do ministério” (59). Com essa espiritualidade, “o presbítero é “continuamente formado na ação celebrativa pelas palavras e gestos que a Liturgia coloca em seus lábios e em suas mãos”; “ele não rouba a centralidade do altar, é instruído à humildade e ao arrependimento. As palavras da Liturgia pedem tons específicos, elas dão forma aos seus sentimentos íntimos (DD, 60).

Enfim, a Carta incentiva as Comunidades a redescobrir o sentido do *ano litúrgico* e do *dia do Senhor*, recordando, mais uma vez, o ensinamento conciliar (SC 102-111). Encerrando: “O ano litúrgico é para nós a possibilidade de crescer na consciência do mistério de Cristo, mergulhando a nossa vida no Mistério da sua Páscoa, à espera do seu retorno. Essa é a verdadeira formação permanente” (DD, 64).

3. Catequeses com temas litúrgico-sacramental

O Papa Francisco dedicou bem 24 catequeses (de 8 de novembro de 2017 até o 6 de junho de 2018) sobre os Sacramentos da Iniciação cristã (15 sobre a missa, 6 sobre batismo e 3 sobre crisma). Em estilo mistagógico ajuda a compreender, celebrar e viver o sentido desses sinais da fé. Francisco, depois de ter lembrado os *mártires do domingo*, desde a primeira catequese, manifesta o objetivo de formação litúrgico-pastoral:

Nas próximas catequeses gostaria de responder a algumas perguntas importantes sobre a Eucaristia e a Missa, a fim de redescobrir, ou descobrir, como o amor de Deus resplandece através deste mistério da fé. O Concílio Vaticano II foi fortemente animado pelo desejo de levar os cristãos a compreender a grandeza da fé e a beleza do encontro com Cristo. Por este motivo, era necessário antes de mais realizar, com a ajuda do Espírito Santo, uma adequada renovação da Liturgia, porque a Igreja vive continuamente dela e renova-se graças a ela. Um tema central que os Padres conciliares frisaram foi a **formação litúrgica dos fiéis**, indispensável para uma verdadeira renovação. E é precisamente esta, também, a finalidade deste ciclo de catequeses que hoje iniciamos: crescer no conhecimento do grande dom que Deus nos concedeu na Eucaristia. (...) É muito importante voltar aos fundamentos, redescobrir aquilo que é essencial, através do que se toca e se vê na celebração dos Sacramentos.

A linguagem do Papa é bem simples, popular, explica, passo a passo, os momentos da celebração e insiste nas atitudes interiores que devem acompanhar os fiéis durante as celebrações. Por exemplo, no dia 22 de novembro, dizia:

No momento da Missa vamos ao calvário — usemos a imaginação — e sabemos que aquele homem ali é Jesus. Mas, será que nos permitiríamos conversar, tirar fotografias, dar um pouco de espetáculo? Não! Porque é Jesus! Certamente estaríamos em silêncio, no pranto e também na alegria de sermos salvos. Quando entramos na Igreja para celebrar a Missa pensemos nisto: entro no calvário, onde Jesus oferece a sua vida por mim. E assim desaparece o espetáculo, desaparecem as tagarelices, os comentários e estas coisas que nos afastam de algo tão bonito que é a Missa, o triunfo de Jesus. Penso que agora é mais claro que a Páscoa se torna presente e ativa todas as vezes que celebramos a Missa, ou seja, o sentido do *memorial*. A participação na Eucaristia faz-nos entrar no mistério pascal de Cristo, concedendo-nos a oportunidade de passar com Ele da morte para a vida, ou seja, no calvário.

Mais um exemplo do estilo catequético do Papa; no dia 22 de dezembro de 2017, afirmou:

Quando o povo está reunido, a celebração abre-se com os ritos introdutórios, que incluem a entrada dos celebrantes ou do celebrante, a saudação — “O Senhor esteja convosco”, “A paz esteja convosco” — o ato penitencial — “Confesso”, no qual nós pedimos perdão pelos nossos pecados — o *Kyrie eleison*, o hino do Glória e a oração da coleta: chama-se *oração da coleta* não porque ali se faz a coleta das ofertas: é a coleta das intenções de oração de todos os povos; e aquela coleta da intenção dos povos eleva-se ao céu como prece. A finalidade destes ritos introdutórios “é fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembleia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia” (*Instrução Geral do Missal Romano* 46).

No dia 7 de março de 2018, depois de ter falado sobre a Oração Eucarística, “que qualifica a celebração da Missa e constitui o seu momento central”, o Papa encerra:

Esta fórmula codificada de oração, talvez a possamos ouvir um pouco distante - é verdade, é uma fórmula antiga - mas se compreendermos bem o seu significado, então certamente participaremos melhor. De fato, ela exprime tudo o que realizamos na celebração eucarística: e além disso ensina-nos a cultivar três atitudes que nunca deveriam faltar aos discípulos de Jesus. As três atitudes: primeira, aprender a *dar graças, sempre e em todos os lugares*, e não só em determinadas ocasiões, quando tudo corre bem; segunda, *fazer da nossa vida um dom de amor*, livre e gratuito; terceira, *fazer comunhão concreta*, na Igreja e com todos. Portanto, esta Oração central da Missa educa-nos, aos poucos, a fazer de toda a nossa vida uma *eucaristia*, isto é uma ação de graças.

No dia 14 de abril de 2018, o Papa fala sobre o Batismo. Explica com palavras simples, mas nunca simplistas, citando o Catecismo da Igreja Católica e, várias vezes, textos dos antigos Padres da Igreja. Com estilo eminentemente popular, pergunta ao povo se cada um recorda a data do seu batismo, e encerra: “se festejamos o dia do nascimento, como não festejar - pelo menos recordar - o dia do renascimento? Dar-vos-ei um dever de casa. Quantos de vós que não se recordam a data do batismo, perguntem à mãe, aos tios, aos netos, perguntem: ‘Sabes qual é a data do batismo?’, e nunca mais a esqueçais”.

No dia 06 de junho de 2018, o Papa encerra as reflexões sobre Crisma, com estas palavras:

A Confirmação só se recebe uma vez, mas o dinamismo espiritual suscitado pela santa unção persevera no tempo. Nunca cessaremos de cumprir o mandato de propagar em toda a parte o bom perfume de uma vida santa, inspirada pela fascinante simplicidade do Evangelho. Ninguém recebe a Confirmação somente para si mesmo, mas para cooperar no crescimento espiritual dos outros. (...). Com efeito, aquilo que recebemos como dom de Deus deve ser transmitido - o dom é para ser oferecido - a fim de que seja fecundo e não, ao contrário, enterrado por causa de temores egoístas, como ensina a parábola dos talentos (cf. *Mt 25, 14-30*) ... Devemos transmitir à comunidade o dom do Espírito. Exorto os crismados a não “enjaular” o Espírito Santo, a não opor resistência ao Vento que sopra para os impelir a caminhar na liberdade, e não sufocar o Fogo ardente da caridade, que leva a consumir a vida por Deus e pelos irmãos.

Pastores e catequistas, mas também doutores e mestres têm muito a aprender dessas Catequeses papais. Evangelizar comporta doutrina sólida, mas também linguagem apropriada para transmitir ao povo o essencial da fé. Nisso o Papa Francisco dá seu testemunho. Deveríamos demorar, ainda, considerando os ensinamentos sobre o sacramento da Reconciliação, especialmente por meio de *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia,¹⁵ e *Amoris Laetitia* (19-03-2016), sobre Matrimônio.

Conclusão

Nessa breve apresentação sobre conteúdos e estilo com que o Papa Francisco orienta a *formação litúrgica do Povo de Deus*, destaco - qual o *leitmotiv* - o propósito que a Igreja viva os ensinamentos do Concílio. Suas intervenções sobre Liturgia são, ao

¹⁵ Algumas palavras: “Com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. (...) Os confessores sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai. (...) Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus. Cada confessor deverá acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo (MV 17); “O apelo à observância da lei não pode obstaculizar a atenção às necessidades que afetam a dignidade das pessoas (MV 20); A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. A sua vida é autêntica e credível, quando faz da misericórdia seu convicto anúncio. Sabe que a sua missão primeira, ... é a de introduzir a todos no grande mistério da misericórdia de Deus, contemplando o rosto de Cristo (MV 25).

mesmo tempo, profundas e simples, evocam a *nobre simplicidade* da qual fala SC 34,¹⁶ evitam raciocínios abstratos e esteticismos inoportunos. Mas, acima de tudo, o Papa dá à Igreja toda e, *in primis*, aos seus ministros ordenados, um belo exemplo de como celebrar, com fé intensa e sem ostentação.

Também se a Liturgia não é assunto central do seu pontificado, referência permanente do Papa, também no que se refere à Liturgia, permanece o Vaticano II. Francisco desenvolve um projeto que construiu, pouco a pouco, com sabedoria e firmeza, para que aconteçam as orientações conciliares. Não dá ouvidos aos *laudatores temporis acti*, como escrevia, no século antes de Cristo, o poeta latim Horácio,¹⁷ isto é, dos que falam do passado, que nem viveram e mal conhecem, como o melhor tempo, incapazes de fazer discernimento do presente com sólidas motivações. Isso continua acontecendo também a respeito da Liturgia. O Papa descartou desígnios de restauração que, nos últimos anos, receberam acolhida em alguns setores da Igreja católica, com motivações diferentes, mas, de frequente, com o desejo de desqualificar ou diminuir o ensinamento conciliar e suas propostas.¹⁸ Constante desejo do Papa é que na e da Liturgia aprendamos – todos e todas! - um estilo de vida mais coerente com o Evangelho.

Quem mais recebeu formação - teológica, espiritual, pastoral – deve ser servidor dos irmãos e irmãs na compreensão eclesial do que é a Liturgia, sem clericalismo, tridentinismo, sentimentalismo ou criticismo inoportunos, mas transmitindo ao povo os ensinamentos da Igreja, conhecendo a história passada e recente, junto com as orientações dos livros litúrgicos. É preciso que saibamos ajudar na compreensão de símbolos, gestos e palavras da liturgia, mas sem ficar dependentes do rubricismo ou considerar expressão da “verdadeira” Liturgia, gestos e comportamentos obsoletos, ligados a épocas passadas, mas que hoje não favorecem mais a compreensão do Mistério. A Eucaristia, a maior expressão litúrgica da fé da Igreja, seja vivida na mais

¹⁶ Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis, e não precisar, em geral, de muitas explicações (SC 34).

¹⁷ Q. HORÁCIO FLACCO, *Ars Poetica*, 169-174.

¹⁸ Falando no Pontifício Instituto de Liturgia, Santo Anselmo, disse: “Gostaria destacar o perigo, a tentação do formalismo litúrgico: ir atrás das formas, das formalidades, mais do que da realidade, como hoje em dia estamos vendo naqueles movimentos que buscam um pouco se voltaram atrás e negam próprio o Concílio Vaticano II. (tradução nossa).

intensa comunhão eclesial. Viva-se a Eucaristia qual alimento de verdadeira espiritualidade, que abre à vida nova em Cristo morto e ressuscitado e ao testemunho da fé, e não pelas intensas humanas emoções ou para favorecer autoajuda psicológica (sem excluir seu incentivo à harmonia interior oferecido por uma bela Liturgia).

Concluindo, recorro mais uma palavra do Papa, falando a docentes e alunos do Pontifício Instituto santo Anselmo, a respeito da necessidade de “*educar as pessoas a entrar no espírito da liturgia*”.

Para sabê-lo fazer é preciso ser impregnados desse espírito. No Santo Anselmo, ousaria dizer, deveria acontecer isto: impregnar-se do espírito da liturgia, sentir seu mistério, com estupor sempre novo. A liturgia non se possui, não, não é uma tarefa: a liturgia se aprende, a liturgia se celebra. Alcançar essa atitude de celebrar a liturgia. E se participa ativamente somente na medida em que se entra nesse espírito de celebração (FRANCISCO, 2022).

O *estupor* da Liturgia deve proceder da mesma, não de elementos espúrios e extrínsecos, demasiado humanos: “é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a admiração de quem experimenta a força do símbolo” (DD, 26). A insistência do Papa a respeito do *símbolo* incentive na compreensão, valorização e uso correto dos ricos símbolos litúrgicos: “o símbolo é o instrumento mais adaptado para unir humano e divino, o céu e a terra”¹⁹, “tem um valor poderoso, porque capaz de tocar os afetos e tornar possível uma mudança de vida”.²⁰

Escrevia Romano Guardini:

Somente quando vivida na sua essência mais verdadeira de ser louvor a Deus e instrumento de santificação dos homens, (a Liturgia) se oferece aos nossos olhos, como bela. Uma beleza que não atrai ‘para te segurar’, mas só ‘para doar’ àquele que que estás celebrando, apresentando-Te ao Tu do amor (O *espírito da liturgia*).

¹⁹ TOMASSINI, op. cit., p. 210.

²⁰ Ibidem, p. 184.

Referências bibliográficas

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria*. Una estetica teologica. La percezione della forma. Milão: Jaka Book, 1985; SEQUERI, Pierangelo: L'estro di Dio. Saggi di estetica. Milão: Glossa, 2000.
- Bíblia Sagrada. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2ª edição, Brasília: CNBB 2019.
- CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium. In: VIER; KLOPPENBURG (eds.). Compêndio etc. 19ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p.117-113.
- CONCÍLIO VATICANO II. Dei Verbum. In: VIER; KLOPPENBURG (eds.). Compêndio etc. 19ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p.121-139.
- CONCÍLIO VATICANO II. Gaudium et Spes. In: VIER; KLOPPENBURG (eds.). Compêndio etc. 19ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p.143-256.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.
- FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes na 68ª. semana litúrgica nacional. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.pdf. Acesso em 07/09/2023.
- FRANCISCO, Papa. *Aperuit Illis*: Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Emitida em 30.09.2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190930_aperuit-illis.pdf. Acesso em 05/09/2023.
- FRANCISCO, Papa. *Magnum Principium*: Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Emitida em 03/09/2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20170903_magnum-principium.pdf. Acesso em 05.09.2023.
- FRANCISCO, Papa. *Spiritus Domini*: Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Emitida em 10.01.2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html. Acesso em 05.09.2023.
- FRANCISCO, Papa. *Antiquum Ministerium*: Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Emitida em 10.05.2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em 05.09.2023.
- FRANCISCO, Papa. *Traditionis Custodes*: Carta Apostólica sob a forma de *Motu Proprio*. Emitida em 16.07.2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/motu_proprio/documents/20210716-motu-proprio-traditionis-custodes.html. Acesso em 06/09/2023.
- FRANCISCO, Papa. *Ai docenti e agli studenti del pontificio istituto liturgico*. <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches.index.html#speeches>. Acesso em 20.09.2023.
- FRANCISCO, Papa. *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. 1ª. Ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*: o rosto da Misericórdia. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

GUARDINI, Romano. In. Formazione litúrgica (texto do ano 1923!), cit. in TOMASSINI, Loris Maria. Nel segno della bellezza. Bellezza, liturgia e sensi spirituali. Assis: Cittadella, p. 80.

Q. HORÁCIO FLACCO, Ars Poetica, p. 169-174, cit. in COCCO, Francesco. “Lacrime amare e dolci cipolle”. Il falso mito dell’Egitto nel libro de Numeri. In *Parola Spirito e Vita. Quaderni di lettura biblica*. Bolonha: Dehoniane, n. 82 (2020), p. 11.

REPOLE, Roberto. O sonho de uma Igreja evangélica. A eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018, p. 16.